



Participantes da 3ª Trilha da Memória se reuniram em frente à estátua de Mercedes Baptista, a primeira bailarina negra do Teatro Municipal



Entre as ladeiras do Morro da Conceição, servidores e cidadãos aprenderam um pouco mais sobre resistência da cultura negra na história

Em comemoração ao feriado da consciência negra, celebrado no dia 20 de novembro, os Comitês de Promoção da Igualdade de Gênero e de Prevenção e Enfrentamento dos Assédios Moral e Sexual e da Discriminação (Cogens), do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, promoveram a 3ª Trilha da Memória, uma visita guiada pelo circuito da Pequena África, na região Portuária do Centro. O passeio, realizado neste sábado (30), também fez parte da 4ª edição da Caminhada Negra, promovida pela Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB).

A excursão foi guiada voluntariamente pela servidora do TJRJ Tatiana Lima Brandão, que é historiadora e turismóloga. Tendo como ponto de encontro a Praça Mauá, o grupo de magistrados, servidores e cidadãos percorreu diversos pontos turísticos que fazem parte do circuito Pequena África, como a Igreja de São Francisco da Prainha, o Painel Hilário Jovino, a Pedra do Sal, o Jardim Suspenso do Valongo, a Espaço Cultural Casa da Tia Ciata, o Mercado de Escravizados e a Praça da Harmonia e o Cemitério dos Pretos Novos.

Para o desembargador Wagner Cinelli, presidente dos Cogens, é fundamental revisitar o passado para reconhecer as consequências que o período escravocrata gerou para as gerações futuras. “A escravidão não se resolveu com a abolição. São gerações e gerações de descendentes de escravizados que ainda sofrem na pele as consequências daquele período de sofrimento, de opressão e de dor. Precisamos incentivar uma memória social porque isso ainda nos falta”.

Ao lado de seus familiares, a juíza Eunice Bitencourt Haddad, presidente da Associação dos Magistrados do Estado do Rio de Janeiro (Amaerj), realizou o trajeto pela primeira vez e destacou a impor-

Tour pela Pequena África encerra mês da consciência negra

Passeio fez parte da 4ª edição da Caminhada Negra, promovida pela Associação dos Magistrados Brasileiros



O grupo visitou o Cais do Valongo, um sítio arqueológico que serviu de porto de recepção de africanos trazidos para serem escravizados

tância da ação. “Ao conhecer o passado, podemos construir um novo futuro. E quando visitamos esses lugares históricos, conseguimos reviver um pouco da cultura e isso nos faz refletir, abre a nossa mente e faz com que, realmente, tenhamos

uma nova visão das coisas.”

Guia do circuito há mais de 12 anos, a servidora e historiadora Tatiana Brandão destacou o que a inspira a continuar esse trabalho. “O que me move é poder manter a história viva, contando-a para cada vez mais

pessoas. Precisamos conhecer nossa história para buscarmos um futuro melhor em uma sociedade mais educativa e igualitária. Essa não é só a história do Rio, é a história do Brasil.”

Entre o grupo de aproximadamente trinta pessoas, também esti-

veram presentes a desembargadora Leila Lopes, o desembargador aposentado Luis Gustavo Grandinetti; e os juízes Bruna Fuscilla, Monalisa Artifon, Patrick Couto e Vitor Porto, do TJRJ, e Elayne Cantuária, do Tribunal de Justiça do Amapá.

“Democracia e liberdade de expressão são o oxigênio do jornalismo.
O jornalismo não sobrevive sem elas”

Rudolfo Lago

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.



RUDOLFO LAGO